

RESENHA BIBLIOGRAFICA (1)

FÉVRIER (James G.). — *Histoire de l'écriture*. Payot. Paris. 1948. 608 pp., 135 figuras e 16 pranchas.

Com êste volume pretende o A. "apresentar um quadro claro, completo e atual da história das diversas escritas", pois nos últimos cinqüenta anos — desde a publicação de Philippe Berger, *Histoire de l'Écriture dans l'Antiquité*, — muitas descobertas se têm verificado neste campo, porém, nenhum outro livro se publicou em França sôbre o assunto.

Devidamente credenciado para tal — como Diretor de Estudos da Escola Prática de Altos Estudos — o sr. James G. Février nos apresenta um trabalho interessante e útil, elaborado a partir de um plano claro e lógico. Esboçada a sua teoria da origem e evolução da escrita, distribui, agrupando-as, segundo pertençam à mesma etapa de evolução, as várias escritas, desde as mais remotas, às mais recentes formas.

Assim, no capítulo I temos um estudo do nascimento da escrita, e das quatro etapas através das quais, segundo o A., se processou a sua evolução: das formas embrionárias às fonéticas, passando pela escrita de idéias, a princípio sintética e depois analítica. E com isto pretende o A. ter demonstrado a inexistência da teoria de Van Ginneken, da anterioridade da linguagem escrita em relação à linguagem falada. Completa êste capítulo um apanhado geral dos meios de expressão.

No capítulo II estudam-se as escritas mnemotécnicas e sintéticas, isto é, as duas primeiras fases daquela evolução: as formas embrionárias autônomas e a escrita de idéias (sintética). Inclui-se o processo de passagem desta última fase para a seguinte, a fase analítica, ou escrita de palavras, que representa um grande progresso na história da escrita.

Reservou-se o III capítulo às escritas da América — maia e azteca — não só porque elas representam um estado intermediário entre a segunda e a terceira etapa da evolução, mas ainda pelo interesse que apresentam, pois, além de constituírem um problema de escrita ainda não totalmente resolvido, sofreram a influência perturbadora da escrita latina introduzida na América pelos espanhóis.

Constitui o IV capítulo a terceira etapa de evolução: as grandes escritas analíticas ou ideográficas, sua longa e interessante história. Aqui se estudam as escritas chinesa, coreana, anamita, japonesa, as várias escritas cuneiformes (entre as quais as acadeanas ou assírio-babilônicas), cuja evolução conduziu ao fonetismo, e ainda as escritas hieroglíficas, como a egípcia e a meroítica.

O V capítulo compreende ainda escritas ideográficas, restringindo-se, porém, apenas às que ainda não foram decifradas, como a cretense, a proto-indiana e a da ilha da Páscoa (Polinésia). Sem pretender apresentar um catálogo, o A. procura, por meio de alguns exemplos, estudar a natureza dessas escritas e seus principais problemas.

O problema focalizado pelo VI capítulo é mais complexo: o A. procura separar as escritas ideográficas das silábicas, mas acrescenta que se trata apenas de uma cadeia, em que só os extremos são nítidos (a chinesa de um lado e a

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

cipriota de outro). Segue-se a análise do problema hitita, do cuneiforme paleopersa, e do silabário cipriota.

No VII capítulo temos as escritas consonânticas semíticas, desde o seu nascimento, estudado nos principais documentos; a seguir uma análise das hipóteses sobre a origem do alfabeto fenício, um estudo sobre este alfabeto e sobre os alfabetos arameanos, incluindo o hebraico. Estuda-se ainda aqui o alfabeto nabateano, o palmiriano, o nascimento das escritas arameanas orientais, os alfabetos siríacos, a escrita mandeana e o alfabeto árabe, seu histórico e evolução. Incluem-se ainda os alfabetos sul-semíticos e as escritas da Ásia central, notadamente a escrita **pehlevi**, o alfabeto avéstico (**zenda**), a escrita sogdiana, a escrita dita maniquéia, a arameana e o mundo uralo-altaico, o alfabeto ouïgour, a escrita mongol, a siberiana e as runas húngaras.

O assunto do VIII capítulo é o neossilabismo. Primariamente o neossilabismo indiano, analisado em suas origens e mecanismos; seguem os vários tipos de escritas setentrionais, centrais e meridionais da Índia, as ditas **pali**, e, enfim, o material de escrita indiano. Encerra o capítulo um apanhado do silabismo etiópico.

O capítulo IX é dedicado ao alfabeto grego, seus principais caracteres, os alfabetos locais, a adaptação da escrita fenícia, o problema da origem, da forma das letras, da época, dos nomes das letras, enfim, a evolução do alfabeto grego, concluindo com um estudo dos alfabetos epicóricos.

Os alfabetos saídos do grego — o gótico, o copta, o armênio, o georgiano, o alban e os vários alfabetos eslavos — constituem a matéria do X capítulo.

Por sua vez, os alfabetos etruscos e itálicos são estudados no capítulo XI, onde o A. apresenta um histórico dos trabalhos de decifração do alfabeto etrusco, ao lado dos vários tipos de escrita etrusca e dos principais alfabetos itálicos, como o messapiano, o siculo, o picentino, o osco, o úmbrio e o falisco. Exclui-se o latino, que será objeto de estudo no capítulo seguinte.

O XII capítulo aborda inicialmente o estudo da origem do alfabeto latino e dos nomes das letras. Em seguida passa o A. a um confronto dos alfabetos latino e etrusco, ao exame do material de escrita latino, e, enfim, à evolução da escrita latina. Como resultado desta evolução surgem as escritas ditas nacionais: merovingia, visigótica, lombarda, irlandesa. E, acompanhando esta evolução aparecem: a minúscula, as abreviaturas latinas, as notas tironianas, as taquigrafias (italianas e francas), a taquigrafia italiana recente e outras mais; a escrita quebrada ou gótica, a escrita humanística, e, afinal, a imprensa.

Dedica-se o XIII capítulo ao estudo das runas e do **ogam**. Trata-se de um estudo explicativo da escrita usada pelas tribos germânicas antes de sua conversão ao cristianismo (runas) e da escrita original da Irlanda meridional e do País de Gales (**ogam**).

A partir do XIV capítulo, o autor apresenta alguns apanhados gerais. Neste, temos a análise das escritas imitadas, refeitas ou contaminadas, pois, no dizer do A., a maioria das escritas ideográficas e fonéticas até aqui estudadas foram determinadas por uma influência exterior. Destacam-se dois grupos principais, o primeiro constituído de tipos de escrita concebidos por primitivos ou missionários, sob modelo ou sob influência de uma escrita fonética já evolvida; o segundo consta de de tipos elaborados por técnicos, de acordo com métodos rigorosos, para atender necessidades especiais. Dentre as escritas deste tipo destaca-se a estenografia.

O capítulo seguinte, XV, encerra o volume e contém as conclusões do A., sob o título "As escritas fonéticas e a romanização". Não se limita, porém, o A. a abordar os principais problemas decorrentes desta evolução (como o problema do sistema ortográfico), mas apresenta, um por um, os vários problemas suscitados em todo o mundo pela romanização. E, talvez, o capítulo mais interessante, principalmente pelo fato de oferecer um panorama claro da influência da escrita romana entre os mais diversos povos.

Seguem-se três apêndices: a decifração das escritas desconhecidas (I), os sinais de numeração (II) e Alfabeto em magia (III), todos de largo interesse, quer para historiadores, lingüistas ou sociólogos.

Servida de ampla bibliografia geral e especializada, que o autor distribui criteriosamente pelos capítulos, orientando, assim, o interessado, a "História da Escrita" do Sr. James G. Février se torna um volume indispensável à estante de todos os estudiosos.

EDITH PIMENTEL PINTO

CERAM, (C. W.). — *Götter, Gräber und Gelehrte*, Rowohlt Verlag, Hamburg, 1951, 494 págs..

Bem merecido foi o sucesso enconrado pelo livro de Ceram, *Götter, Gräber und Gelehrte* ("Deuses, túmulos e eruditos"), que alcançou a cifra de 106.000 exemplares entre novembro de 1949 e março de 1951, continuando ainda a ser reimpresso após esta data. Trata-se de um trabalho original, uma vez que, apesar da existência de publicações semelhantes relativas a pesquisas bastante localizadas (como Pompéia, por exemplo), não temos conhecimento de nenhum outro autor que, como Ceram, tenha conseguido apresentar aspectos de um ramo para nós tão árido para ser estudado — em virtude da distância em que se encontram os centros de excavações — como a arqueologia, sob forma tão agradável sem que, por isto, fôsse negligenciada a seriedade científica, indispensável para que os volumes desta espécie não corram o risco de integrar-se em certo tipo de duvidosa divulgação cultural, tão perigosa para os incautos que a ela recorrem. Aqui, não. Verifica-se, a todo o instante, a familiaridade do autor com as obras dos arqueólogos cujas pesquisas constituem o assunto do volume em questão, traço, aliás, para o qual a nossa atenção é expressamente chamada, logo no princípio da introdução (pág. 14). "Romance da arqueologia", foi o sub-título que Ceram escolheu para a sua obra, "romance no sentido barroco, na medida em que, dentro do mais antigo sentido romântico (de maneira alguma contrariando a realidade), trata-se da narração de acontecimentos e de desenvolvimento de vidas" (pág. 14). "Romance dos arqueólogos", diríamos nós, dada a vivacidade com que são tratadas as atividades de aventureiros e de cientistas que dedicaram suas existências ao estudo das civilizações perdidas. Schliemann, este aventureiro dotado de invejáveis dotes, domina toda a primeira parte do trabalho, de tal modo que sua personalidade lança sombra sobre o próprio mundo helênico e pré-helênico por ele explorado. E compreende-se que o A. tenha principiado por Schliemann, que tão grande base fornecia para algumas considerações a respeito do valor do dilematismo. Num capítulo especial, intitulado "Schliemann e a ciência", vemos as dificuldades que o mundo científico "profissional" opôs à aceitação da obra de um amador, ainda que de um amador excepcional, e Ceram, após transcrever uma famosa passagem em que Schopenhauer versou o mesmo assunto, não esconde a sua simpatia pelos diletantes (págs. 67. 232). Encerrando a primeira parte do volume temos um capítulo a respeito das pesquisas de Evans em Creta, sendo de notar-se, aqui, a preocupação do A. em estar sempre em dia com a disciplina de que trata. Fornece-nos um seguro indício deste traço a passagem em que há ampla referência à publicação, feita em julho de 1950, da notícia segundo a qual o Prof. Sittig, da Universidade de Tübingen (cujos trabalhos Altheim comparou aos de Champollion e Grotefend), descobrira os meios que permitem sãam lidos os textos cretenses escritos em linear B. Passamos, a seguir, à segunda parte, intitulada "O livro das pirâmides" e cujas primeiras páginas, excelentes, aliás, tratam novamente de um aventureiro: Dominique Vivant Demon, "homem mundano, inclinado às mulheres, diletante em todas as artes" e ao qual, com a sua *Description de l'Egypte* (1809-1813) deveria caber o mérito de fundar a egiptologia. O papel dos franceses é posto em destaque, mormente dos que trabalharam no Instituto Egípcio e, evidentemente, de Champollion, cuja obra dá margem a um dos mais interessantes capítulos do livro em questão. A egiptologia foi o campo ao qual se atiraram, dum ou doutro modo, pessoas. procedentes dos mais

diversos centros culturais europeus: Belzoni, Lepsius, Mariette e seus sucessores no Museu Egípcio, Flinders Petrie, Howard Carter e outros, cujas explorações são passadas em revista por Ceram. Paralelamente à descrição das pesquisas arqueológicas temos ainda, nesta mesma parte do volume, exposta a questão do roubo das tumbas pelos ladrões do vale do Nilo, ladrões êstes que se dedicavam a tal mister desde os tempos dos faraós e cujo centro importante era a localidade de Kurna. Graças a êles, aliás, chegaram a ser descobertas, em 1875, as famosas tumbas de Der el-Bahri, que apenas em 1881, após uma série de episódios verdadeiramente romanescos, puderam tornar-se campo de atividade dos arqueólogos. O mesmo estilo, vivo e seguro, marca a terceira e a quarta partes, dedicadas à Mesopotâmia e à América Central pré-colombiana e nas quais, de certo modo, o problema da escrita constitui o pivot em torno do qual tudo se desenrola. A genialidade de Grotfend, lançando as bases para a compreensão dos textos cuneiformes, e os trabalhos de Rawlinson, Oppert, Talbot e Hincks no mesmo setor, fornecem o assunto à parte mais alta do interesse dos capítulos dedicados à assiriologia, enquanto que através das aventuras de Layard e de Koldewey na Mesopotâmia temos a descrição das maiores descobertas arqueológicas na região. Após um capítulo sobre Wooley e a civilização sumeriana passamos à América pré-colombiana, onde, pela primeira vez, coube ao Homem do Ocidente cristão encontrar-se frente a frente com uma cultura que lhe era completamente estranha, que era riquíssima e que se encontrava em pleno florescimento. Relembrando as palavras de Spengler a respeito do “assassinio” das culturas pré-colombianas pelos conquistadores, Ceram nos dá um esboço da conquista espanhola, dedicando-se, a seguir, às peripécias de J. L. Stephens e de Catherwood — os descobridores de Copán —, para depois tomar contacto com os fascinantes aspectos apresentados pelo calendário maya e com a discussão dos mais importantes problemas a que dá margem esta civilização, ainda hoje tão obscura para nós. Com as pesquisas e aventuras de Thompson, o explorador da “fonte sagrada” de Chichen Itzá, e com a descoberta dos centros da civilização tolteca, principalmente Tula e Mon'e Alban, chegamos ao fim da obra propriamente dita, uma vez que a última parte — seis páginas, apenas —, limita-se a lançar sugestões a respeito de outras civilizações perdidas, como a hitita e a incaica. Completam o volume os quadros cronológicos, as árvores genealógicas e os mapas necessários à melhor compreensão do texto, bem como um guia bibliográfico, excelente, se levarmos em conta que se trata de um trabalho de divulgação, de um trabalho que, como nos diz o próprio A., “dá apenas um apanhado geral. Salta de cume a cume e não pode dedicar-se de maneira satisfatória e particular às pacientes atividades científicas dos cruidos de gabinete, aos quais coube, não só o mérito de rubricar e de catalogar, mas também de elaborar explicações ousadas e hipóteses criadoras e de se constituir em ponto de partida para fecundos estímulos” (pág. 130). Enfim, trata-se de um volume cuja fama ultrapassou em pouco tempo as fronteiras de seu país de origem, uma vez que já foi traduzido para várias línguas. Ao que sabemos, não existe ainda uma tradução para o português, sendo de enorme utilidade para nós que algum editor patricio se interesse pelo assunto e providencie para que o público nacional fique em condições de aproveitar também o excelente trabalho realizado por C. W. Ceram.

PEDRO MOACYR CAMPOS

TURVILLE-PETRE, (G). — *The heroic age of Scandinavia*. Londres, Hutchinson's University Library, 1951, 196 págs..

Na qualidade de *Vigfusson Reader* em literatura e antiguidades islandesas da Universidade de Oxford, coube a G. Turville-Petre compor o volume que a Hutchinson's University Library, sob o título *The heroic age of Scandinavia*, dedicou à história dos países escandinavos até a morte de Santo Olavo (1030). Dentro da linha que caracteriza a série em que foi publicada, a obra em ques-

tão destina-se a ser uma introdução ao assunto, dirigida particularmente aos principiantes, empenhando-se o A. em traçar um quadro geral da história e das instituições escandinavas do período. Em 16 capítulos apresenta-se dividido o trabalho, o que, por si só, demonstra a intenção didática, uma vez que tal didática facilita consideravelmente a leitura e a assimilação da matéria tratada, tanto mais quanto esta se dispõe sobre um grande cenário geográfico e obriga à referência a um sem número de personagens do mundo lendário e histórico escandinavo, o que dá facilmente margem à confusão. Nos dois primeiros capítulos temos uma espécie de introdução, dedicada a um ligeiro esboço da pré-história da Escandinávia nas suas relações com o continente (particularmente com a expansão celta na Europa), às referências dos autores antigos — de Piteas a Procópio e Jordanes —, aos povos da região e aos seus deslocamentos, às runas e à antiga língua nórdica. Os três capítulos seguintes são ocupados com as mais antigas composições poéticas heróicas da Escandinávia, divididas em 3 grupos: a) — as que se desenvolveram em torno de Ermanarico, Átila, Gunnar, Hamdir, Sörli e Angantyr; b) — as que tratam de heróis suecos, principalmente o *Beowulf*, uma vez que não foi conservada produção alguma legitimamente escandinava deste período; c) — heróis dinamarqueses, para cujo estudo a fonte mais importante é representada pelos *Gesta Danorum*, de Saxo Grammaticus, e dos quais os mais brilhantes são os reis da família dos Skjöldungar, também mencionados no *Beowulf*, assim como noutro poema anglo-saxão, o *Widsith*. Indiscutivelmente, os mais interessantes destes heróis são o famoso Hrólfr (séc. VI), que deu o nome a uma das sagas (na qual se encontra a melhor descrição da batalha de Hleidr), e Harald, personagem central da batalha de Brávellir. A terceira parte do volume pode ser distinguida nos capítulos VI e VII, em que são descritas as guerras vikings do século IX e a tentativa de evangelização de Santo Anscário e seus companheiros, após o que entramos na fase de unificação política dos estados escandinavos. Gorm, “o restaurador da Dinamarca”, e Harald-do-dente-azul dão ao seu país uma posição de preeminência nos mares do Norte, ao mesmo tempo que se processa a conversão da Dinamarca ao Cristianismo. Na Noruega, Haraldo-dos-belos-cabelos unifica o país após a batalha de Hafrsfjörd, Hakon-o-Bom destaca-se pela sua obra administrativa e, por fim, após a violenta tentativa de Olavo Tryggvason, Santo Olavo implanta definitivamente o Cristianismo na região, enquanto se forma o império dinamarquês de Knut. Com isto passamos aos dois últimos capítulos, dedicados à poesia e historiografia dos escaldas e dos islandeses, pondo-se em destaque a excepcional posição da Islândia no panorama cultural da época.

Como bem se pode verificar, trata-se de um cômodo resumo, mas não podemos deixar de estranhar que o Autor não dê suficiente relevo à questão das relações entre a Escandinávia e as outras regiões da Europa com que os vikings entraram em contacto. Mesmo a colonização na Inglaterra não é satisfatoriamente tratada, nem havendo mesmo ligeira referência aos estabelecimentos no norte da França e à penetração sueca na Rússia. Aliás, nota-se que, apesar de não haver restrição alguma no título do volume, a história da Suécia é geralmente negligenciada pelo Autor. Talvez isto se explique pela sua própria especialização em literatura e antiguidades islandesas, o que teria feito com que ele se voltasse mais para as regiões que interessam mais à história da Islândia, mormente à Noruega.

PEDRO MOACYR CAMPOS

NETTL (Paul). *De Lutero a Bach*. Tradução de Adam F. Sosa. Buenos Aires, Editorial La Aurora, s. d. 160 pp.

De Lutero a Bach... eis um excelente roteiro para quem quiser estudar a história da música religiosa ou, mais particularmente, a contribuição da reforma religiosa do século XVI para a história da música. São unânimes os historiadores em salientar que o ponto culminante dessa contribuição foi o desenvolvimento do canto coral, forma que encontrou na igreja reformada um campo

muito maior do que na católica. A participação direta do indivíduo no culto levou as igrejas reformadas a uma preocupação séria e constante com a educação musical do povo, uma vez que o cântico consubstanciava, de maneira simples e agradável, o privilégio de louvar a Deus.

Todavia, convém não esquecer dois pontos importantes nessa contribuição do protestantismo para a história da música: primeiro, o papel de Lutero, éle próprio músico e compositor; segundo, o interesse pelo canto coral não foi, pelo menos nos primeiros tempos, generalizado em todas as igrejas reformadas. Dentro do rigor puritano, calvinista ou escossês, a música como que não se sentia muito à vontade... Daí a contribuição muito menor das igrejas filiadas à confissão calvinista para a música religiosa.

Mas, falávamos do roteiro de Lutero a Bach, com escalas principais em Schütz e em Buxtehude (na Alemanha) e em Goudimel e em Claude Le Jeune (na França). Os dois primeiros, especialmente, por terem sido os precursores de Bach nas duas formas em que o seu gênio mais produziu: o oratório e a can'tata. Era o estudo dessa evolução que esperávamos encontrar ao ler o livro do Dr. Nettle, divulgado entre nós em tradução espanhola e editado por La Aurora, de Buenos Aires, editôra que nos parece de orientação protestante. Entretanto, a leitura não correspondeu à nossa expectativa. Manda a verdade, porém, que afirmemos que nosso desaponto (não chegou absolutamente a ser decepção...) deve ser atribuído não ao autor, mas ao tradutor argentino que entendeu de alterar o título, como infelizmente acontece, e de maneira inexplicável, com relativa freqüência com as traduções de procedência argentina. O *De Lutero a Bach* do tradutor argentino é apenas *Luther and music* da edição original, coisas, como se vê, bem diferentes. O título argentino implica uma idéia de evolução que o autor nunca pretendeu. Daí a rapidez com que trata dessa evolução num capítulo, êste sim intitulado "De Lutero a Bach" e onde a apreciação do assunto não poderia, de fato, ocupar mais do que uma dezena de páginas, sem entrar na análise pormenorizada da obra dos que precederam o célebre cantor de São Tomaz.

Todavia, dentro do que o A. pretendeu realizar, seu livro é realmente valioso e vale como um subsídio magnífico para a história da música religiosa, particularmente para a contribuição de Lutero, e cuja leitura recomendamos vivamente a todos os melômanos e a todos os que se interessam por êsse setor tão empolgante da história da civilização. É obra de leitura simples, agradável, sem exemplos musicais, que, geralmente, assustam os não iniciados. Se alguém, um dia, editá-lo no Brasil, desejamos apenas que conserve o título original...

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

LES FRANÇAIS EN AMÉRIQUE PENDANT LA DEUXIÈME MOITIÉ DU XVII^e SIÈCLE.

1. *Le Brésil et les brésiliens*, par André Thevet. Choix de textes et notes par Suzanne Lussagnet; introduction par Ch.-A. Julien. Paris, Presses Universitaires de France, 1953. (Col. "Pays d'outre-mer", deuxième série — "Les classiques de la colonisation").

Da aventura francesa no Brasil, em meados do século XVI, resultaram numerosas informações sobre o nosso país, pelas quais são responsáveis Jean de Lery e André Thevet, religiosos (um protestante, o outro católico), que acompanharam Villegaignon naquela empresa. A obra de Lery é incomparavelmente mais valiosa do que a de Thevet, nela se encontrando qualidades raras em viajantes daquela época, como a objetividade e, especialmente, a veracidade. Daí a projeção maior de seu nome e o maior aproveitamento de seus escritos como fonte para a história brasileira do século XVI. Em Thevet "aparece aquela imaginação fértil e aquêlê pedantismo literário, tão comuns ao século XVI... No fundo, uma alma cândida e crédula. Uma boa alma de franciscano. Pelas longas

citações de latim e de grego, procurava aparentar uma ciência que não tinha. Não sabia ver as coisas com justeza. A mediocridade extrema de seu espírito deformava tudo o que via, na ânsia de ostentar uma erudição que lhe vinha de oitiva e um senso crítico que lhe faltava por completo” (Almir de Andrade).

Apesar desta apreciação severa que, em grande parte, coincide com a verdade, Thevet tem também algum mérito, e é sempre com prazer que vemos a reedição destes clássicos de nosso passado, ou “clássicos da colonização”, segundo a expressão adotada pela *Presses Universitaires de France* para designar uma nova coleção, ou melhor, uma nova série da coleção *Pays d'outre-mer*, já conhecida entre nós pela primeira série — *Études coloniales* —, na qual se encontram, entre outros, o trabalho de P. Gourou sobre os países tropicais e o de Bonnault sobre o Canadá francês.

Les classiques de la colonisation deverá compreender 15 volumes, alguns subdivididos, reeditando ou editando pela primeira vez fontes preciosas para a história da colonização francesa, todos precedidos de estudos críticos e devidamente anotados. Assim, teremos nessa coleção os relatos de viagem de Conneville, de Verrazano, de Cartier, de Roberval, de Champlain, os textos de Thevet e de Lery (sobre o Brasil), as correspondências de Colbert, Richelieu e Duplex, a obra clássica de Raynal, além de escritos de Gallieni, de J. Ferry, de Schoelcher, de Faidherbe, entre outras cousas.

O volume que a *Revista de História* recebeu, por gentileza especial dos editores, é a primeira parte do segundo volume — *Les Français en Amérique, pendant la deuxième moitié du XVI^e siècle. I. Le Brésil et les Brésiliens*, par André Thevet. (A segunda parte compreenderá a obra de Lery). Contém as partes relativas ao Brasil da *Cosmographie Universelle*, da *Histoire d'André Thevet et de deux voyages par lui faits aux Indes Australes et Occidentales* e de “*Le Grand Insulaire et Pilotage*, estas últimas inéditas, e cujos manuscritos se encontram na Biblioteca Nacional de Paris.

A *Cosmographie Universelle*, publicada em 1575, só agora foi reeditada, ao contrário de *Les singularitez de la France Antarctique* que, publicada em 1558, foi reeditada em 1878 por Paul Gaffarel, e já se encontra traduzida em português. Há quem empreste mais valia à *Cosmographie* do que às demais obras de Thevet, e entre estas se encontra Métraux: “Son oeuvre principale, la *Cosmographie*, est malheureusement trop peu connue, ce qui s'explique par sa rareté”.

Uma obra como a de Thevet, deficientíssima sob muitos aspectos, só vale a pena ser reeditada com anotações cuidadosas, de estudiosos especializados no assunto. E sob este ponto de vista, foi muito feliz a iniciativa desta reedição. As numerosas notas, que surgem em cada página do volume, valem por excelentes e eruditas lições de história, de lingüística, de etnografia, de sociologia, afiançadas por nomes de responsabilidade, entre os quais, com satisfação, encontramos alguns ligados ao grupo da *Revista de História*, da Sociedade de Estudos Históricos e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como Plínio Ayrosa, J. J. Philipson, Florestan Fernandes, Myrian Ellis, Marcondes de Souza e J. P. Leite Cordeiro.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

GREENHALGH (Juvenal). — *O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História, 1763-1822*. Comentário do Contra-Almirante Álvaro Alberto; desenhos de Armando Pacheco e Ary Monteiro Martins. Rio, 1951. 236 pp.

O primeiro volume de *O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na História*, que esta Revista teve o prazer de receber, abrange o período que vai da fundação, em 1763, até 1822. Seu autor, o Contra-Almirante Juvenal Greenhalgh diz, no prefácio, porque escreveu o livro: “decorre do pendor natural para os estudos de História ao serviço de um impulso sentimental”. E explica: “E’ que, tendo passado quase tôda a minha mocidade entre aquelas velhas e amadas paredes que, dentro em breve, pelo imperativo do progresso, vão sumir em pó

de demolição, conforta-me escrever-lhes a história que guardará sempre viva a saudade que já venho sentindo da convivência de excelentes companheiros que ali tive, dos amigos que fiz, das coisas que me foram tão familiares e dos fatos em que tomei parte”.

Não conhecemos, infelizmente, o plano da obra. Sabemos apenas que a este primeiro volume deverão seguir-se outros dois. Diante desta circunstância importante de tratar-se de trabalho incompleto, não nos será possível, sem o perigo da leviandade, uma apreciação definitiva. Reservá-la-emos para ocasião oportuna. Por ora, noticiemos apenas o aparecimento deste primeiro volume, magnificamente impresso, entremeiado de valioso documentário e enriquecido com excelentes reproduções de mapas, croquis, estampas antigas, além de desenhos dos dois ilustradores citados.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

NUMMUS, Boletim de Sociedade Portuguesa de Numismática, n.º 1, I vol. Pôrto, 1952.

Na cidade do Pôrto começou a publicar-se *Nummus*, Boletim da Sociedade Portuguesa de Numismática que estudará também Medalhística e Arqueologia.

A direção executiva daquela sociedade é composta por Alexandre Ferreira Barros, Carlos Peixoto Braga, Fernando Russell Cortez, Antônio da Silva Guimarães, Van der Niepoort e Mário Ramires.

No seu primeiro número a publicação inclui os seguintes artigos:

I). — Apresentação por F. Russel Cortez.

O autor explica os motivos do Boletim que se podem sintetizar nas expressões: “Não esqueceremos igualmente que os valores monetários surgem conjuntamente com outros fenômenos culturais e históricos... pertinentes a determinado povo, em certo momento ou em determinado lugar...” e mais adiante: “Procuraremos cumprir a nossa tarefa..., esforçando-nos até ao possível pelo progresso da ciência: Numária nas suas relações com a Arte, a História e a Economia, agora que deixou o campo restrito que os seus antecedentes estudos apresentavam, terminou a interpretação unilateral e sem olvidar o seu tradicional campo de ação — descrever e inventariar tipos, variantes e valores — abandonou o espírito colecionista para mais se integrar no âmbito da História do Homem”.

II). — O Tesouro monetário de lugar do Poio (Paradela de Guiães) — contributo numismático para o estudo da romanização da Região do Douro — por F. Russel Cortez — pág. 6-37.

Depois de descrever a maneira como em 1930 foram achadas naquela localidade cerca de 700 moedas de prata, entre as quais denários consulares dos séculos III, II e I a. c. e que foram levados para o Rio de Janeiro por Laurindo Pinto dos Santos, o A. estuda a romanização do Douro, a qual se faz em redor de dois problemas econômico-sociais: o da pobreza do solo da Lusitânia e o do excesso demográfico que, por seu turno, levam às lutas entre as populações da montanha e as da planície.

Da pg. 19 em diante faz a descrição das moedas, começando por aquelas que não têm marca monetária, passando pelas que têm símbolo até chegar às consulares desde Aburia, Aelia, Aemilia, Annia, Antestia, Antonia, Appuleia, Aurelia, Baebia, Caecilia, Calidia, Calpurnia, Cassia, Cipia, Claudia, Cloulia, Coilia, Cornelio, Crepusia, Cupiennia, Curtia, Fabia, Fannia, Flaminia, Fonteia, Furia, Herennia, Julli Ivnia, Licinia, Lucilia, Lucretia, Lutatia, Maenia, Malia, Manlia, Marcia, Memmia, Minucia, Opimia, Papiria, Pinaria, Pompeia, Promponia, Porcia, Postumia, Renia, Rubria, Saufeia, Scribonia, Sentia, Sergia, Servilia, Spurilia, Thoria, Titia, Tituria, Tullia, Valeria, Vibia, até Volteia. Dá, a seguir, pág. 33-37, uma notícia sobre os vasos de prata também achados no local.

III). — La ceca visigoda de “Cepis” poblacion del distrito de Oporto pelo eng. Wm. Reinhart — pág. 38-44.

Após referir as condições em que as moedas visigodas apareceram, notando a influência sueva, em especial na Galiza, o que se relacionaria com a existência ali de minas de ouro, o A. passa a descrever a moeda cunhada na localidade de Cepis, na diocese do Pôrto, por Leovigildo, que conquistou os suevos nos anos de 582-585, e é um triente com o qual o rei visigodo restabeleceu o sistema metroológico romano, criado por Constantino, e abandonado nos meados do século VI a favor dos trientes de tipo primitivo, com a Vitória no reverso.

IV). — Numária do rei Dom Afonso Henrique — Balanço analítico dos exemplares conhecidos por Pedro Batalha Reis — pág. 44-48.

Analisa em primeiro lugar a opinião de Teixeira de Aragão sobre as 5 moedas daquele rei estudadas pelo autor da “Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis regentes e governadores de Portugal e conclui a respeito de cada uma delas:

1). — Morabitino de Braga: é uma mistificação provada; 2) Morabitino de Cruz: os verdadeiros pertencem a D. Afonso II, sem embargo da existência de exemplares falsificados, nomeadamente do último quartel do século passado; 3) Mealha com escudos: quanto ao A. não pertence a D. Afonso I, mas sim a D. Afonso II; 4) Dinheiro com o sino-saimão: esta é das moedas de D. Afonso Henriques apresentadas por Teixeira de Aragão, a única cuja autenticidade para o A. é indiscutível; 5) Dinheiro com a cabeça de perfil do rei: o A. tem reservas quanto a incluí-lo na numária afonsina, mas também não o repudia.

Indica a seguir as razões por que duvida da classificação atribuída àquelas moedas. Batalha Reis conclui por dizer que só são da numária afonsina os seguintes exemplares: 1) Dinheiro com cruz e pentalfa; exemplar único, pertence ao sr. Niepoort; 2) Dinheiro semelhante àquêle, de cunho mais correto; existem quatro exemplares, pertencentes à coleção do rei D. Luiz; 3) Dinheiro, com o perfil do rei; tomado com toda a reserva; único exemplar conhecido; 4) Mealha com a inicial do rei A sobre uma cruz; único exemplar conhecido; pertencente ao eng. Michaelis de Vasconcelos; 5) Mealha com a effigie do rei de face; existem 2 exemplares; pertencente um deles ao dr. Raul Soares Duque. Conclui assim: “Temos, pois, nesta era de 1952, andado que são dez meses dela, conhecidos cinco tipos diferentes, numa totalidade de 9 exemplares, de moedas mandadas cunhar pelo nosso primeiro Rei...”

No final, estampa com as 5 moedas descritas, mostrando o anverso e o reverso.

V). — Moedas de D. Fernando — Um quarto de barbuda da oficina monetária do Pôrto pelo eng. J. Ferraro Vaz — pág. 49-54.

Depois de apresentar a opinião de Manuel Severino de Faria, no “Curso IV” das “Notícias de Portugal”, que diz ter sido o Pôrto berço da numismática portuguesa, o A. apresenta dúvidas, inclinando-se para Braga ou Coimbra. Analisa a moeda, que já tinha sido noticiada por Leite de Vasconcelos, in “O Archeólogo Português”. Em apêndice, pgs. 53-54, dá uma nota sobre a forma de representar as gravuras das moedas. No final, estampa representando a barbuda, meia barbuda, e quarto barbuda.

VI). — O numismata dr. Mirabeau, por Luiz Pinto Garcia — pág. 55-62.

Dá uma notícia bio-bibliográfica a respeito do dr. Pompeu de Carvalho Mirabeau (1861-1940) e regista algumas das moedas mais raras e valiosas daquele colecionador. De págs. 63-65 apresenta um estudo do mesmo numisma sobre o tornês de prata de D. Fernando e o meio real de prata de D. João I.

VII). — Uma medalha dedicada ao dr. Francisco de Andrade Leitão, pelo dr. Ary dos Santos — pg. 66-70.

E’ a medalha de prata, muito rara, oferecida pela Holanda, em homenagem póstuma, ao notável português que assinou a paz de Westfália, em 24

de outubro de 1648. Foi gravada pelo medalhista alemão George Wilhelene Vestner. No final, fotografia da medalha.

VIII). — Moedas de D. Miguel I. Um ensaio inédito de peça de 1829 pelo eng. Raul da Costa Couvreur — pg. 71-72.

Começa por dizer que no reinado de D. Miguel existem moedas de ouro de 2 tipos, conhecidas pelos reversos diferentes: **palmas para dentro de 1828, e palmas para fora, a partir de 1830**, não se conhecendo moedas de 1829. Quanto a estas apenas se conhece um ensaio de peça aberto por Antônio José do Vale, que não agradou, e os cunhos de outros exemplares assinados por Dubois.

IX). — Vasco Valente desenhador de medalhas, por Alexandre Ferreira Barros — pg. 73-74.

Notícia sobre Vasco Valente, antigo diretor do Museu Nacional de Soares dos Reis e já falecido que desenhou a medalha galardão de tempo de serviço prestado pelo pessoal da fábrica da “**Vista Alegre**”, de que foi diretor artístico e onde organizou um museu de cerâmica. Vasco Valente foi dos mais notáveis historiadores do vidro e da cerâmica portuguesa.

X). — *Vária* — pg. 75-80.

Dá as seguintes notícias: Exposição numismática do Pejão; Inquérito sobre as permutas numismáticas inter-associados da Sociedade Portuguesa de Numismática; I Exposição Nacional de Numismática, a realizar em 1953 em local a designar; Congresso Internacional de Numismática a efetuar de 6 a 11 de julho de 1953, em Paris; Comissão Internacional de Numismática; notícia sobre a morte do numismata português dr. Jorge Pereira da Gama; referências à Sociedade Portuguesa de Numismática; e, por último, notícia a inclusão no número próximo de *Nummus* um trabalho de catalogação das moedas portuguesas insulares e coloniais.

JORGE PEIXOTO

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL. Publicação da Divisão do Arquivo Histórico do Departamento de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo. Volumes CLII e CLIII: outubro e novembro de 1952. 148 e 256 pp.

Criada em 1934, contando atualmente com mais de 150 volumes publicados, a *Revista do Arquivo Municipal* constitui uma das mais valiosas publicações de interesse histórico existentes no país, principalmente para a história de São Paulo. O primeiro número, publicado em junho daquele ano, apresentava-se com um programa modesto, porém de grande alcance: “vulgarizar, ao lado de trabalhos de bons autores, numerosos documentos antigos, relativos aos paulistas, e quase todos inéditos.” Assim, ao lado de artigos de Afonso de Taunay e de Nuto Sant’Ana sobre o passado paulistano, eram oferecidas aos leitores peças valiosas, inéditas, dos “papéis velhos” guardados na antiga Diretoria do Protocolo e Arquivo da Prefeitura, que tinha a seu cargo a publicação da revista.

A criação do Departamento de Cultura, em 1935, abriu à cidade de São Paulo perspectivas imensas no domínio da difusão cultural, incomparavelmente maiores do que as que poderia oferecer a Diretoria do Protocolo e Arquivo. A *Revista* tornou-se órgão do novo Departamento, criado por inspiração de Mário de Andrade, e por ele dirigido nos primeiros tempos. Assim, nesta nova fase, passou a dar guarida, em suas páginas, às muitas pesquisas sobre aspectos da vida social, econômica e cultural realizadas pelo Departamento, e que abrangiam os mais variados assuntos, desde, por exemplo, transporte coletivo ou manança de gado na Capital, até o samba rural paulista ou as “trocinhas” do Bom Retiro.

Esta atividade múltipla da *Revista do Arquivo Municipal* apenas sofreu pequeno declínio a partir de 1941, quando a periodicidade mensal assegurada

para os primeiros números deixou de ser mantida por algum tempo. Tanto assim que a *Revista* está atualmente com 153 volumes, quando deveria estar com 227 se o ritmo mensal tivesse se mantido sempre. Todavia, isto em nada merece a *Revista do Arquivo*, principalmente tendo-se em vista que tal situação é apenas consequência das muitas vicissitudes, de ordem financeira, por que passam, no Brasil, as publicações de natureza cultural. A *Revista* merece a atenção dos estudiosos de nosso passado, pelo seu caráter de publicação histórica, da mesma forma que merece todo o apóio e simpatia como iniciativa cultural que é. E é realmente digno de louvor que, de permeio com tôdas as preocupações de ordem política ou burocrática, ainda haja tempo para cogitações culturais.

Os últimos volumes publicados, da *Revista do Arquivo Municipal* — CLII e CLIII — correspondem a outubro e novembro de 1952. Assim, aos poucos, vai a *Revista* pondo-se em dia, cobrindo o atraso de quase dois anos em que já esteve. O vol. CLII oferece-nos, além do habitual documentário, três trabalhos: "Fundação de Cananéia", de Antônio Paulino de Almeida, "Biografias sorocabanas", de Aluísio de Almeida e "Introdução a Bernardo Guimarães", de Jamil Almansur Haddad. Antônio Paulino de Almeida é um homem para quem a história do litoral paulista, particularmente do litoral sul, não tem segredos. Seus trabalhos, publicados em geral na própria *Revista do Arquivo Municipal* e na *Revista do Instituto Histórico de São Paulo*, constituem valiosa contribuição para a história colonial de São Paulo, entre outras cousas, pela quantidade de documentos que tem divulgado. Seu cargo no Departamento do Arquivo do Estado propicia-lhe excelente oportunidade para novas pesquisas e, assim, sempre tem algo de novo a oferecer aos interessados em assuntos históricos. Seu último trabalho trata especialmente da fundação de Cananéia, e da análise documental conclui que tal fato "teve lugar nos princípios do século XVI, no sítio denominado "Boa Vista", na Ilha Comprida, em cujo local recebera o título de "Maratayama", ali se conservando, talvez até o ano de 1600, quando foi transferida para a Ilha de Cananéia, perdendo aquêle nome que, segundo um velho manuscrito, seria o do chefe indígena local".

Aluísio de Almeida é o Antônio Paulino do interior paulista, particularmente do sul do Estado. Seus trabalhos (em grande parte divulgados também na própria *Revista do Arquivo*), tratam sobretudo da região que tem por centro a importante cidade de Sorocaba. O presente trabalho é apenas uma reunião de biografias, mais ou menos desenvolvidas, de acôrdo com os dados de que pôde dispor, de vultos ligados à história de Sorocaba, constituindo, sem dúvida, valiosa contribuição para a história local.

O trabalho de Jamil Almansur Haddad poderá servir de prefácio a alguma reedição, tão em moda, das obras completas do romancista mineiro.

No vol. CLIII comparecem novamente Antônio Paulino de Almeida e Aluísio de Almeida, sempre nos temas de suas predileções, o primeiro sôbre a história da navegação no litoral paulista, e o segundo sôbre estradas e impostos no sul do Brasil. Outros trabalhos dêste volume: uma conferência de Hilário Freire sôbre o passado da cidade de Jauú; um artigo de Saul Martins sôbre Antônio Dó, terrível bandoleiro do vale do São Francisco, assassinado em 1929, pelos seus próprios companheiros, depois de vinte anos de desatinos naquela região; uma série de crônicas de Edmundo Zenha sôbre Santo Amaro em meados do século XIX e, finalmente, dois trabalhos sôbre assunto jurídico, assinados por Paulo Carneiro Maia e Geraldo Campos Moreira.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

STADEN-JAHRBUCH, BEITRÄGE ZUR BRASILKUNDE, Band 1, 1953. Publicação do Instituto Hans Staden, São Paulo, 160 págs. Editor: Egon SCHADEN.

Desde 1941, ano em que, iniciando suas atividades no setor de publicações, reeditou as *Abenteuerliche Erlebnisse unter Menschenfressern der Neuen Welt im 16 Jahrhundert*, vem o Instituto Hans Staden, sob a direção do Dr. Karl Fou-

quet, destacando-se pelo seu interêsse em promover maior aproximação entre o Brasil e o mundo de língua alemã, proporcionando a êste oportunidade para informar-se a respeito do nosso país. Várias publicações seguiram-se à das viagens de Hans Staden, tôdas elas dentro da principal característica de fomentar a aproximação teuto-brasileira, e agora nos dá o Instituto um excelente sinal da seriedade e da persistência de suas intenções com o primeiro volume do *Staden Jahrbuch* (Anuário Staden), todo em língua alemã e dedicado exclusivamente a temas brasileiros, conforme nos indica o seu próprio sub-título: *Beiträge zur Brasilkunde* (Contribuições à brasilística). Não deixa de constituir também um fato auspicioso para nós, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e, particularmente, da "Revista de História", que o organizador e editor do Anuário seja o Dr. Egon Schaden, Professor de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e, particularmente, membro da comissão de redação da "Revista de História", pesquisador que se consagrou com o seu "Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil". No Prefácio que inaugura a série dos *Staden-Jahrbücher*, define o Prof. Schaden o conteúdo da expressão *Brasilkunde* como sendo tudo o que é essencial, mas não obrigatoriamente peculiar, pode ser escrito a respeito do Brasil, passando em seguida ao plano que deverá ser desenvolvido pela publicação de que se incumbiu: em primeiro lugar, deve ser feito apêlo à colaboração de intelectuais de tôdas as especialidades e de tôdas as partes do Brasil, a fim de que contribuam com trabalhos inéditos para os Anuários, que estarão abertos também aos autores estrangeiros que estejam dispostos a colaborar para o preenchimento do objetivo máximo de divulgação de assuntos integrados na Brasilística. Em segundo lugar, planeja-se a criação de novas secções, sendo uma de resenha bibliográfica e outra dedicada aos acontecimentos de relêvo verificados no país durante o ano correspondente ao do Anuário. Naturalmente o primeiro volume não pode, ainda, apresentar-se de acôrdo com tais planos, em virtude de uma série de dificuldades inerentes a um empreendimento desta natureza entre nós. Deve-se destacar, entretanto, com grande satisfação, que o Prof. Schaden encontrou um grupo de colaboradores de boa vontade na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que fica, assim, intimamente associada a esta por todos os títulos elogiável iniciativa do Instituto Hans Staden. Damos, a seguir o conteúdo do primeiro volume do Anuário. João Cruz Costa — *Zur Geistesgeschichte Brasiliens* (trad. Fritz Pietzschke); Antônio Cândido — *Die Literatur als Ausdruck der Kultur im zeitgenössischen Brasilien* (trad. Rudolf Peschke); Fritz Ackermann — *Vicente de Carvalho*; Georg Hoeltje — *Eine Indianerzeichnung*; Guther Neufeldt — *Die Moderne Entwicklung São Paulos*; José Francisco de Camargo — *Bevölkerungswachstum und Wirtschaftsentwicklung im Staate São Paulo* (trad. Anatol H. Rosenfeld); Mafalda P. Zemella — *Die Versengung der Kapitanie Minas Gerais im 18. Jahrhundert* (trad. Margarete Speer); Roger Bastide — *Die kulturelle Anpassung des brasilianischen Negers* (trad. Anatol H. Rosenfeld); Florestan Fernandes — *Das Vorurteil gegen die Farbigen in Brasilien und seine gesetzliche Beämpfung* (trad. Anatol H. Rosenfeld); P. Guilherme Saake, S. V. D. — *Der giftige Maniok im Haushalte brasilianischer Indianer*; Egon Schaden — *Indianerforschung in Brasilien gestern und heute*.

PEDRO MOACYR CAMPOS